

**ENSINO DE HISTÓRIA: A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914-1918) EM
CARTÕES-POSTAIS FRANCESES**

**HISTORY TEACHING: THE FIRST WORLD WAR (1914-1918) THROUGH
FRENCH POSTCARDS**

Recebido em: 13/07/2023

Aceito em: 14/08/2023

Marco Antonio Stancik¹ 

Resumo: O estudo traz proposições para o trabalho em sala de aula com o tema Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a ser explorado por intermédio de representações imagéticas veiculadas por cartões-postais franceses daquele período. Analisadas sob a perspectiva da iconologia, estas imagens permitem a reflexão relativa não apenas aos aspectos mais comumente discutidos a respeito da guerra, como também, e principalmente, em torno de imaginários e representações sobre o combatente, questões de gênero, infância, mudanças e permanências, discursos de ódio, entre outros. A proposta é apresentada em termos que permitem sua adaptação tanto para o Ensino Fundamental, como o Médio, de modo a tornar não apenas mais diversificada, como também mais atrativa a discussão do assunto. Isso é feito também em atendimento a uma crescente demanda por metodologias e recursos didáticos diversificados, assim como pela necessidade de abordar passados sensíveis.

Palavras-chave: Ensino de História; Primeira Guerra Mundial (1914-1918); Fontes históricas; Cartões-postais.

Abstract: The study presents propositions for classroom work on the topic of the First World War (1914-1918), to be explored through the use of visual representations conveyed by French postcards from that period. Analyzed from an iconological perspective, these images allow for reflection on not only the more commonly discussed aspects of the war, but also, and primarily, on imaginaries and representations of the combatant, gender issues, childhood, changes and continuities, hate speech, among others. The proposal is presented in terms that allow for its adaptation both to elementary and high school education, in order to make the discussion of the subject not only more diverse, but also more engaging. This is also done in response to a growing demand for diversified teaching methodologies and resources, as well as the need to address sensitive pasts.

Keywords: History teaching; First World War (1914-1918); Historical sources; Postcards.

INTRODUÇÃO

Atuar em sala de aula pressupõe não apenas ter domínio de temas e problemas relativos à área de conhecimento, mas, não menos fazer frente à velocidade e aos atrativos – por extensão, à concorrência – que as novas tecnologias, as mídias digitais e virtuais, ininterrupta e insistentemente oferecem às crianças e aos jovens. Ao fazê-lo, tais mídias tendem a desviar a atenção e o gosto de alunos e alunas em direção oposta aos temas estudados, bem como aos recursos, materiais didáticos e abordagens habitualmente oferecidos em sala de aula.

¹ Professor Associado nos cursos de Graduação em História e no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. E-mail: marcostancik@hotmail.com

Por isso, em meio a tantas transformações, questões e desafios, cabe pensar o problema em torno das metodologias, linguagens e materiais didáticos empregados no ensino, o que inclui o de História. Ou ainda, refletir sobre as “necessidades e dificuldades na utilização de diferentes recursos no ensino, considerando-se as linguagens escrita e iconográfica do livro didático, da literatura, dos objetos, do cinema, da televisão” (BITTENCOURT, 1997, p. 8), e para muito além destes.

Sob inspiração das proposições de Circe Bittencourt (1997), a opção aqui apresentada é em favor do trabalho com imagens. Tal interesse não é recente, como bem destaca a autora, que lembra, entre outros, Ernest Lavis (1842-1922), historiador francês e autor de vários livros didáticos entre o final do século XIX e início do XX, obras estas plenas de imagens. Ainda assim, o objetivo almejado por Lavis limitava-se a buscar tornar possível “ver as cenas históricas” e facilitar a memorização dos conteúdos (BITTENCOURT, 1997, p. 75).

Caminhando em outras direções, considera-se hoje que as imagens não constituem meras ilustrações, tampouco devem ser entendidas como reprodução da realidade, uma vez que elas a constroem a partir de uma linguagem própria, não-verbal, que é produzida num dado contexto histórico (SALIBA, 1997, p. 119). Elas oferecem “ilusões” e não a realidade social (BURKE, 2004, p. 34-35), a ponto de se poder propor que até mesmo adulteram o real (STANCIK, 2017, p. 13). Isso confere outros sentidos a elas e ao trabalho realizado por seu intermédio.

Imagens podem, portanto, nos colocar diante de diferentes imaginários e representações (CHARTIER, 1990) relativas a um tema em específico, em determinado lugar e tempo. E, não menos, favorecer, de forma intencional e refletida, ao raciocínio a que nos obrigam os signos imagéticos, cuja presença e ação se dão por toda parte, mas diante dos quais nem sempre estamos habituados a nos deter, de maneira mais meticulosa, detalhada, questionadora (ALBERTI, 2019; BALDISSERA, 2010; SOUZA, 2021).

É tendo em vista tais questionamentos e proposições que o presente estudo foi elaborado. Seu objetivo é apresentar sugestões para o trabalho em sala de aula mediante o emprego de imagens, visando o ensino de História e com ênfase nas discussões atinentes ao tema Primeira Guerra Mundial (1914-1918), presente nos currículos do Ensino Fundamental e Médio. Este pode ser pensado e abordado nos termos dos “temas sensíveis” (GIL; EUGENIO,

2018; PEREIRA; SEFFNER, 2018), ou seja, que remetem a processos históricos marcados pela violência física e/ou simbólica e que repercutem no presente.

Assunto este que aqui é pensado a partir das experiências e reflexões desenvolvidas pelo autor mediante o emprego de um conjunto documental composto por cartões-postais franceses produzidos e/ou circulados no contexto da Primeira Guerra Mundial. Tais souvenirs eram muito populares e amplamente utilizados no início do século XX, embora atualmente tenham sido quase totalmente superados pelas mídias mais recentes.

CARTÕES-POSTAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA

A reflexão aqui proposta se desenvolve por intermédio da análise de caráter iconográfico e iconológico (PANOFSKY, 1987; GINZBURG, 2014; KOSSOY, 2001; STANCIK, 2017). Ou seja, dá-se especial atenção ao discurso não-verbal impresso no anverso dos postais, cuja interpretação passa pela análise pré-iconográfica, iconográfica e iconológica (PANOFSKY, 1987, p. 47-87). Trata-se, portanto, do trabalho com fontes históricas a ser realizado em sala de aula (ALBERTI, 2019; PINSKY, 2009; 2010).

Isso é pensado sob o amparo de vários estudos desenvolvidos nos últimos anos pelo autor com base em seu acervo pessoal e disponíveis em formato de livros e artigos, aos quais se remete para maiores detalhes (STANCIK, 2012; 2014, 2017; 2019). A intenção é disponibilizar reflexões e material a partir dos quais professores de História possam ampliar a discussão em torno do tema, tendo em vista diferentes aspectos representados por aqueles souvenirs de aparência enganosamente singela.

Neles encontramos não apenas combatentes em uniforme militar e cenários de combates, pois mulheres e crianças, idealizados das mais variadas formas, se fizeram presentes em numerosos exemplares. Mas não é apenas o aspecto icônico que aqui interessa. Muito significativa, a dimensão simbólica das imagens salta aos olhos. Ela nos coloca em contato com representações de uma pretensa bravura, de um ardor guerreiro, de um intenso fervor patriótico, sempre atribuídos aos homens, figurassem eles em idade adulta, ou mesmo na infância.²

² Importante destacar que a temática presente nos postais do período é extremamente diversificada, apresentando ainda imagens de paisagens, cenas urbanas, personalidades, caricaturas, entre muitas outras. A variedade também se observa quando o tema é a guerra, podendo apresentá-la de forma desfavorável e crítica – por exemplo, com imagens de ruínas decorrentes de bombardeios, feridos e mortos em combates -, ou, de alguma maneira, fazer sua

Às mulheres foram associados outros papéis. Em regra, foram elas representadas como mães e esposas devotadas, restritas ao lar e aos afazeres domésticos. Isso, mesmo que fossem obrigadas a ocupar postos de trabalho e funções até então predominantemente desempenhadas pelos homens que foram obrigados a seguir para o front. Ou ainda, no exercício de um dos poucos papéis que lhes reconheciam como legítimo no campo de batalha: a enfermeira, responsável por cuidar do corpo e da alma dos combatentes.

Também figuravam elas na forma de “doce recompensa”, expressão esta encontrada em postais franceses. Recompensa oferecida ao viril combatente, naqueles momentos em que se afastava de sua missão de guerreiro, seja temporariamente, ou na comemoração da vitória. Outras vezes, era a mulher apresentada na forma de alegorias, por exemplo, do território da Alsácia, conforme aqui será discutido, ou ainda da pátria (STANCIK, 2017).

As crianças tendiam a ser representadas como miniaturas de futuros combatentes, no caso dos meninos. Ou de futuras esposas e mães, ou ainda de pequenas alsacianas, para as meninas. Cenas estas que, nos dias atuais, não deixam de produzir certo espanto, desconforto e até mesmo indignação, por tamanha e tão explícita intenção de fazer da infância alvo de ideologias nacionalistas e intensamente belicistas, de discursos de ódio e estereótipos simplificadores e depreciadores daquele que era então proposto como o Outro, tal e qual aqueles que impregnavam o imaginário europeu de então.

Via de regra, estes cartões-postais eram colorizados, muitas vezes remetendo às cores da pátria. E eles foram produzidos e circularam aos milhões, naquele início do século XX e ao longo da guerra, a ponto daquele período ser proposto como a “Era de ouro dos cartões-postais” (STANCIK, 2017, p. 22). Já a Primeira Guerra Mundial foi posteriormente caracterizada como a “primeira guerra midiática”, tamanha a importância assumida pelos meios de comunicação na sua condução (FERGUSON, 2014, p. 334-381), enquanto Bernard Richard (s. d.) propõe que os postais foram uma das primeiras ferramentas de propaganda de massa adotadas no apoio à condução da guerra, tanto no front, como na retaguarda. Elementos estes que auxiliam a enfatizar ainda mais o interesse e pertinência de ter cartões-postais como objeto de reflexão para o tema e período.

apologia, tal qual aqui é discutido. Por fim, destaque-se que a opção pelos postais franceses não exclui o interesse por aqueles emitidos em profusão também por outros países.

Tais temáticas e características dos postais evidenciam que, a depender da sensibilidade do docente, podem eles ser explorados com turmas do Ensino Fundamental e Médio, uma vez submetidos às devidas adaptações de linguagem e discussão. Assim, a ideia que permeia a presente proposta é o seu emprego para oportunizar que estudantes visualizem como, naquele início do século XX, um dos mais populares meios de comunicação então disponíveis tenderam a retratar tais temáticas e, no limite, a carnificina em que rapidamente se transformou a Primeira Guerra Mundial.

Isso por se entender que, assim procedendo, professores podem diversificar sua abordagem, tornando mais significativa e mesmo atrativa a discussão de temas de natureza sensível, bem como ressignificar o passado, “pensar leituras e possibilidades outras de mundo e de uma postura ética e política” (PIUBEL, 2020, p. 81). Para isso, basta dispor de recursos para a projeção de imagens tais como aquelas existentes em estudos facilmente acessíveis na internet, ou ainda diversificar no seu uso, conforme as possibilidades disponíveis.

A GUERRA NOS CARTÕES-POSTAIS FRANCESES

Se os cartões-postais franceses podem nos colocar em contato com imaginários e representações, também podem funcionar como elementos reveladores de transformações e permanências do período, bem como de conflitos simbólicos daí decorrentes. Isso pode ser exemplificado pelos postais reproduzidos nas Figuras 1, 2 e 3, cuja concepção destinava-se a evidenciar recursos então empregados pelas forças francesas nos combates. Os três exemplares trazem ilustrações de cenas aparentemente realistas, porém não menos idealizadas que as imagens que estampam os demais postais discutidos no presente estudo.

Iniciemos pela Figura 1, que permite nos defrontarmos com documento que traz registro do então inovador uso de aeronaves, invenção ainda muito recente e rapidamente incorporada ao uso na guerra, inicialmente para proceder observações. Função que logo foi ampliada para a realização de bombardeios e combates aéreos (KEEGAN, 2004; WILLMOTT, 2008). Entretanto, uma permanência também se evidenciava no uso daquela inovação: a tentativa de manter o espírito cavalheiresco - verdadeira herança medieval – inclusive na realização dos combates aéreos. Ora, ao fazer uso das frágeis aeronaves, a ênfase tendia a ser posta quase que exclusivamente na coragem, talento e desprendimento dos pilotos. Eles deveriam enfrentar a morte bravamente, como haviam feito os cavaleiros medievais e seguiam fazendo, naqueles tempos, os integrantes infantaria e da cavalaria, esta última ainda muito valorizada e admirada.

Afinal, em 1914 “a visão por toda parte ainda era a de uma guerra de movimento, heroísmo e decisões rápidas” (EKSTEINS, 1991, p. 124). Tanto que manual militar francês datado de 1913 propunha: “o sucesso depende mais de impetuosidade e tenacidade que de habilidade tática” (MOULTON, 1968, p. 496).

Assim pode-se exemplificar aos alunos que, em seus momentos iniciais, enquanto a guerra de movimento prosseguiu, “massas de soldados avançavam contra armamentos modernos, de um poder arrasador, da mesma forma como o fizeram todos os guerreiros desde os tempos antigos”. O resultado disso: “em 22 de agosto de 1914, o exército francês sofreu baixas numa escala que jamais seria ultrapassada durante a guerra por qualquer outro país num único dia” (HASTINGS, 2014, p. 199). Foram eles “as primeiras vítimas da guerra e também dos erros de uma hierarquia militar incompetente que se caracterizava pelo culto do sabre e da baioneta” (GUÉNO; LAPLUME, 2004, p. 9).

FIGURA 1 - AUTOR/EDITOR NÃO IDENTIFICADOS. CARTÃO-POSTAL S. N. *L'INFANTRIE AU COMBAT – AÉROPLANE EN RECONNAISSANCE*, ANO DA POSTAGEM ILEGÍVEL.



Fonte: Acervo do autor.

Aspectos estes que, mais que o exemplo da Figura 1, indicam maiores e mais evidentes relações com os cartões-postais das Figuras 2 e 3, que lembram muito os combates dos tempos napoleônicos. Isso porque eles mostram forças que combatiam montadas e fazendo uso de armas já ultrapassadas em 1914. A cavalaria, além disso, se identificava por intermédio de outros indisfarçáveis arcaísmos. Entre eles há que se ressaltar seus chamativos e brilhantes ornamentos, como capacetes emplumados, cuja função era apenas decorativa.

FIGURA 2 - AUTOR/EDITOR NÃO IDENTIFICADOS. CARTÃO-POSTAL S. N. *LES DRAGONS*, POSTADO EM 30 DE AGOSTO DE 1915.

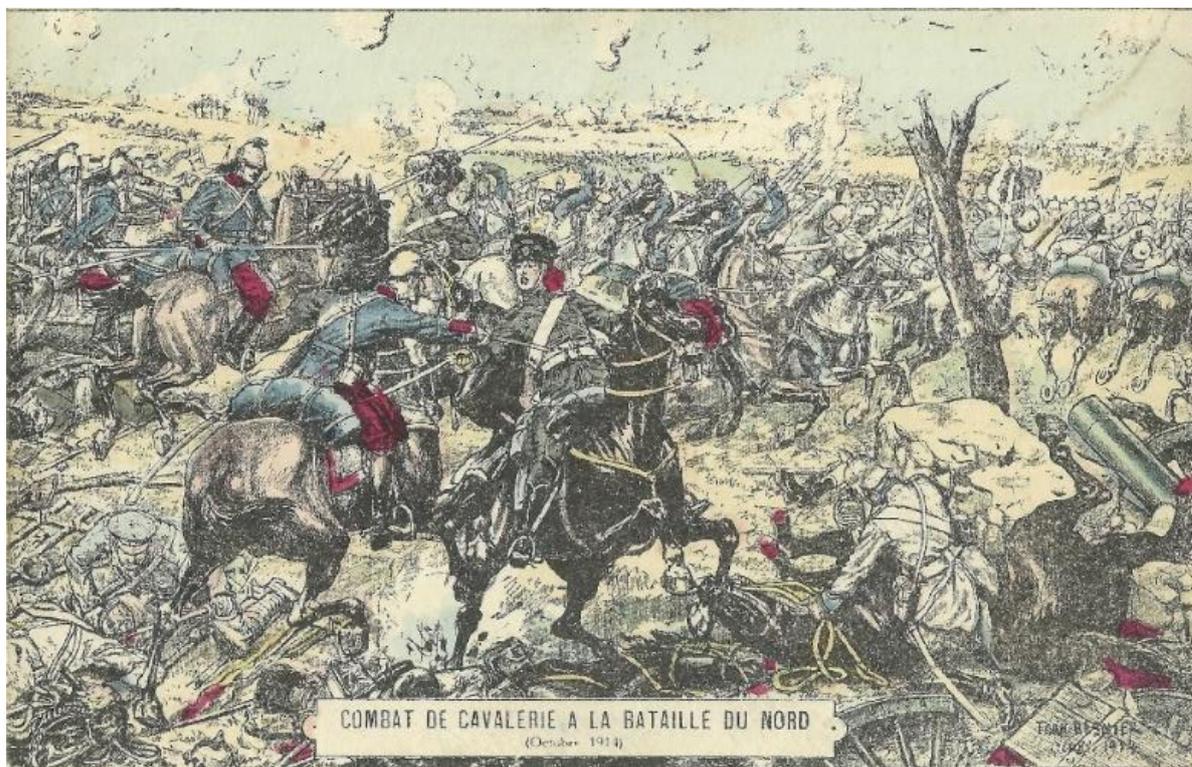


Fonte: Acervo do autor.

Complementando o visual então adotado, constavam vistosos uniformes nas cores pátrias. Em 1914, tanto a cavalaria como a infantaria francesa faziam uso de calças vermelhas e sobretudo azul-marinho, conforme Figuras 2, 3 e, mais à frente, a de número 4. A partir delas, os alunos podem perceber facilmente que a estética dos uniformes buscava dar maior visibilidade e valorizar o corpo masculino. Levava-se assim ao extremo a militarização da virilidade característica do século XIX e cuja culminância aconteceu na Primeira Guerra

(CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013a, p. 504; CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013b, p. 239).

FIGURA 3 – FERNAND AUGUSTE BESNIER. CARTÃO-POSTAL S. N. *COMBAT DE CAVALERIE A LA BATAILLE DU NORD (OCTOBRE 1914)*, MANUSCRITO EM 1916.



Fonte: Acervo do autor.

Somente em 1915 a França adotaria uniformes visando a camuflagem, na cor azul-horizonte. Mesmo assim, ao longo dos quatro anos de guerra, “a virilidade, para setenta milhões de homens servindo o exército, pode ser vista em sua capacidade de suportar o ferimento, a agonia, a morte (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013b, p. 239). Isso foi muito bem exemplificado pelo postal da Figura 3, em que regimentos da cavalaria francesa e alemã se enfrentam, conforme representação do pintor e ilustrador Fernand Auguste Besnier (?-1927) datada de outubro de 1914. Observe-se a ênfase no emprego de lanças e sabres de ambas as partes, bem como o uniforme da cavalaria francesa, nas cores azul e vermelha, sendo esta última também utilizada para indicar ferimentos, mas nunca em combatentes franceses. Perceba-se, além do mais, que, se a cavalaria já adotava também armas de fogo, estas não figuram na imagem, que bem poderia se referir a algum combate ocorrido no século XIX ou mesmo antes.

No centro da cena, um hussardo alemão, cuja expressão parece ser de surpresa, é atingido no abdome por sabre francês. Na porção superior, à direita, militares alemães aparecem em fuga, voltando as costas ao combate. Ainda à direita, na parte inferior, militar alemão figura no chão. À esquerda, também na parte inferior, outro alemão foi ferido por combatente francês.

Todos esses elementos tornam muito evidentes as intenções do autor da ilustração: ela era destinada a enfatizar uma pretensa e inquestionável vitória francesa. Algo, aliás, ainda muito distante de se vislumbrar naquele final de 1914, quando a guerra de trincheiras apenas tinha início. Sob tais circunstâncias, os cartões-postais reproduzidos e comentados até o momento evidenciam ainda uma estratégia muito comum das mídias do período que faziam explícita apologia à guerra: o emprego de verdadeiros eufemismos visuais, com os quais se buscava omitir os aspectos mais trágicos, dramáticos e sangrentos da guerra, reforçando sua pretensa glória e heroísmo (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013b, p. 196).

Mas, caminhando em direção totalmente oposta, deve-se fazer eco às proposições de Jesús Hernández. Ao comentar o desenrolar da guerra, o historiador destaca:

Esta guerra não tinha nada a ver com as anteriores; os homens encontravam-se agora escondidos nas trincheiras, sem compreender como haviam chegado até ali e sem alimentar muitas esperanças de conseguir uma vitória rápida, tal e como lhes fora prometido. Porém, ainda não tinham visto nada; a sucessão de horrores que lhes esperava nem sequer havia começado (HERNANDES, 2008, p. 59).

De tal forma, é imprescindível enfatizar aos alunos que as representações presentes nos postais tendiam, muitas vezes, a valorizar permanências que se referiam às concepções vigentes relativas à virilidade e, não menos, às expressões de feminilidade então tidas como legítimas. Reafirmá-las era forma de manter - ou de tentar manter - homens e mulheres presos a formas de ser, pensar, sentir e agir conforme se supunha que sempre haviam feito. Quer dizer, tais representações atuavam no sentido de tentar fazê-los se manter restritos aos lugares propostos como apropriados. E sendo assim, que se mantivessem no desempenho de papéis sociais conformes às expectativas e valores característicos de um modelo de sociedade que, pelo menos, ao longo do século XIX e início do XX, tendia a se esfacelar. Tais contrapontos podem ser muito ilustrativos da conflitiva existência conjunta de mudanças e permanências, naquele e em qualquer outro período histórico.

E assim, na França, em paralelo e oposição ao estereótipo viril-militar, os ideais vigentes relativos à mulher tendiam a ser favoráveis ao modelo da “procriadora” cuja atuação deveria se restringir ao lar e ao cuidado dos filhos e do marido. A mulher, solteira ou casada, devia manter-se submissa e dependente em relação ao pai ou ao seu esposo. Em outras palavras, submissa à figura masculina. Se trabalhasse, sequer tinha o direito de receber o salário, o que ficava a cargo do marido. Situação que começaria a se alterar somente a partir de reforma legal ocorrida na França no ano de 1907.

Por isso ainda no início do século XX, para as mulheres francesas, “a família é a parte que lhes cabe, seu lugar e seu dever. Desta família, elas são os membros indispensáveis, mas submetidas à autoridade do pai que, ao mesmo tempo governa e representa a família” (PERROT, 2005, p. 270). Percepção que tendia a ser reafirmada até mesmo pela intelectualidade que, preocupada com as baixas taxas de natalidade francesas observadas ao longo do século XIX, era propensa a argumentar que “mulheres não deveriam trabalhar, mas dedicar-se a cuidar da família” (CRANE, 2009, p. 221, 223).

Mas o fato é que a vida mudava e o fazia muito rapidamente, mais ainda conforme a guerra se desenvolvia. E isso deve ser bem evidenciado aos alunos, pois tornava-se cada vez mais comum testemunhar mulheres trabalhando fora dos seus lares, ocupando fábricas, ruas, espaços e funções até então consideradas exclusivamente masculinas. Enquanto isso, valores e concepções a seu respeito pareciam teimar em ignorar aquela nova realidade.

Por isso cabe discutir outros elementos presentes nos postais e relacionados ao imaginário social francês de então. Mais especificamente, tendo em vista o que se revelaram capazes de evidenciar a respeito das representações sobre o modelo viril-militar, em contraposição àquele que poderíamos denominar “feminino-doméstico” – que não será aqui discutido mais detalhadamente -, em suas permanências e rupturas, que se entende constituídas e passíveis de compreensão somente na sua oposição/complementaridade.

Em outras palavras, vale reiterar que a contenda desenvolvida por intermédio dos postais não se restringia a dar uma interpretação da guerra, mas, ao fazê-lo falava sobre muito mais. Afinal, para além do conflito armado, embora atrelado a ele e por ele agudizado, outros conflitos, de ordem simbólica e não menos reais, encontravam-se em andamento. Objetivando perceber melhor isso, na sequência será discutido como os postais franceses tenderam a representar a mulher na forma de metáfora geopolítica. Para isso, podemos nos amparar na troca

de correspondências realizada entre a remetente Juliette e sua destinatária, *mademoiselle* Jeannette Lombard, que foi apresentada com coloridos postais expedidos entre os anos de 1906 e 1908, nos tempos da assim chamada *Belle Époque*. Muitos deles, remetidos apenas para atender à singela intenção de, muito laconicamente, enviar lembranças através do encaminhamento de mais de um postal na mesma data e para a mesma destinatária. Todos evidenciando uma simbologia muito particular e especial para o período, especialmente entre os franceses.

A imagem do cartão-postal reproduzido na Figura 4, evidentemente construída em estúdio fotográfico, apresenta um combatente francês que é facilmente identificado como tal pelo uniforme colorido que traja e o associa à infantaria, conforme já comentado. Na cena, ele está prestes a beijar uma jovem que é envolvida na altura da cintura pelo seu braço direito. Em sua mão esquerda o militar porta um buquê com flores nas cores azul, branco e vermelho – cores da bandeira francesa –, enquanto, displicentemente, apoia o fuzil no mesmo braço.

FIGURA 4 - AUTOR/EDITOR NÃO IDENTIFICADOS. CARTÃO-POSTAL. *ECHANGEONS UN BAISER, DEVANT CETTE FRONTIÈRE / SOIS VAILLANT, BRAVE ET FORT: EN TOI L'ALSACE ESPÈRE!*, MANUSCRITO EM 07 DE AGOSTO DE 1907.



Fonte: Acervo do autor.

FIGURA 5 – AUTOR/EDITOR NÃO IDENTIFICADOS. CARTÃO-POSTAL. *REGARDEZ CE POTEAU FRONTIÈRE: / VOUS NE LE FRANCHIREZ JAMAIS! / ALLONS, SOLDAT GERMAIN, ARRIÈRE! / NOUS SOMMES SUR LE SOL FRANÇAIS!*, MANUSCRITO EM 13 DE JULHO DE 1907.



Fonte: Acervo do autor.

O casal figura diante de um cenário bucólico e florido, que é, na verdade, uma tela pintada, recurso então sempre disponível em qualquer estúdio fotográfico, desde o século XIX. Toda a cena foi posteriormente colorida à mão com o emprego de tons suaves. Quanto a isso, a única exceção está nas calças encarnadas do militar, cuja cor é bem mais intensa. Apesar da ênfase no romantismo, evidenciado pela forma idealizada como foi construída a representação do casal, a mensagem transmitida pelo cartão não se esgota aí. Afinal, a jovem que figura nos braços do cortês militar apresenta características muito especiais: ela é uma habitante do território da Alsácia – tomado pelos alemães na Guerra Franco Prussiana (1871) -, o que é confirmado por seu traje, particularmente pelo grande ornamento em formato de laço, preso à sua cabeça.

Pode-se propor assim que o desejo recíproco expresso pelo casal é uma alegoria do sentimento então alimentado na França - representada pelo militar - em relação à Alsácia e à Lorena, que se entrega aos seus braços viris, na forma de uma jovem habitante daquela região. Isso faz da jovem uma alegoria de caráter geopolítico. Ela, portanto, não seria apenas uma jovem alsaciana, mas personificava o território da Alsácia, sua população e, por extensão, suas aspirações. O rodapé do postal traz uma breve legenda destinada a orientar a leitura da imagem, confirmando as origens alsacianas da jovem. Lá está escrito: “Troquemos um beijo em frente a esta fronteira / Seja valente, bravo e forte: em você, a Alsácia deposita suas esperanças!”.

A imagem do postal indica que o pretense desejo alsaciano de ver a França lutando para retomá-la das mãos alemãs está prestes a ser realizado. Isso é sugerido, além da presença da arma, por um detalhe mais sutil, o ramalhete que o militar tem em suas mãos. É de se notar, não menos, que não apenas as flores remetem às cores da bandeira francesa, mas todos os demais detalhes colorizados do postal a elas fazem alusão. Conforme já observado, na representação se impõe a persistente e incômoda questão geopolítica da anexação da Alsácia e da Lorena pela Alemanha há pouco mais de quatro décadas. Um postal aparentemente inocente e pleno de lirismo remetia à uma questão de honra, assunto proposto como de interesse não apenas dos combatentes, mas de toda a nação francesa. Mobilizada por uma ética de caráter nacionalista, a nação francesa era, portanto, personificada pela imagem do viril militar incumbido de resgatar a desejada e indefesa Alsácia-Lorena, cujo anseio, afirmavam os franceses, seria retornar para seus braços.

Por todos os elementos aqui detalhados, percebe-se que o exemplar pode ser um excelente recurso para introduzir o tema, por intermédio de questionamentos e esclarecimentos aos alunos. Em outras palavras, trata-se de representação por intermédio da qual, através do detalhamento dos elementos simbólicos nela presentes e sua inserção no contexto da passagem do século XIX ao XX, pode-se abordar importantes elementos presentes e atuantes naquele contexto em que se deu a deflagração da guerra de 1914.

Por sua vez, o soldado alemão também foi representado em postais franceses do período. Mas a ele foi reservado um tratamento diferenciado, em termos que tendiam a reproduzir e reforçar os estereótipos negativos, criados e divulgados a seu respeito na França. Ou seja, as mensagens estampadas nos postais, na forma de imagens, bem como nas suas legendas, empenhavam-se em depreciá-lo. É o que pode ser constatado uma vez mais através da troca de correspondências entre Juliette e Jeannette Lombard, conforme podemos observar no postal da Figura 5. Este também apresenta um cenário construído em estúdio, que remete a um bosque onde três jovens alsacianas se manifestam de maneira desfavorável diante da presença de um soldado alemão.

Na cena, a postura corporal adotada pelas quatro personagens é muito sugestiva. É evidentemente oposta a direção assumida pelos corpos femininos das três jovens alsacianas, em relação ao do soldado alemão. Tal antagonismo presta-se para indicar um pretenso sentimento de repulsão das jovens em relação ao militar, cuja expressão denota certa desorientação. No caso das alsacianas, tal sentimento também se faz observar através de expressões faciais que indicam indignação, desprezo, receio, repreensão. Suas expressões e seu gestual tendem, portanto, a demonstrar com clareza e intensidade os sentimentos dirigidos ao militar germânico, que é representado na imagem como um indesejável intruso a ser por todos os meios rechaçado. Todos esses sentimentos são reforçados pela legenda, que exige que o soldado alemão se afaste, pois estariam todos em solo francês, fazendo alusão ao território alsaciano.

Se Modris Eksteins aponta que, por ocasião do Natal de 1914 vinha surtindo efeito “a campanha anglo-francesa para retratar o alemão como um bárbaro desmesurado, incapaz de emoções humanas normais como compaixão e amizade” (EKSTEINS, 1991, p. 133), podemos propor, a partir deste último exemplo (Figura 4) que, ao menos em território francês, tal campanha estava em andamento bem antes do conflito se espalhar pelo continente europeu. Reafirmam-se assim e se complementam as proposições relativas ao postal anterior (Figura 4),

quanto às possibilidades de, por seu intermédio, ilustrar e discutir com os alunos como imagens aparentemente singelas dos tempos da *Belle Époque* revelavam-se carregadas de fortes e significativos elementos simbólicos capazes de expressar relações conflituosas então presentes entre as potências europeias.

Passemos agora a um último exemplo, que traz significativas representações da infância, assim como da feminilidade. Em cartão-postal manuscrito no mês de maio de 1915 (Figura 6), temos imagem que remete ao ambiente doméstico, familiar. Trata-se da “pequena pátria” aludida por Anne-Marie Thiesse (2009), em contraposição à “grande pátria”, a França. Nele, à esquerda do observador, figura um pequeno e atento menino cujo traje imita o uniforme militar francês. Na mão direita ele exhibe uma pequena arma de brinquedo, enquanto sua atenção está totalmente dirigida a uma senhora de cabelos brancos, que permanece em pé a sua frente.

FIGURA 6 – AUTOR/EDITOR NÃO IDENTIFICADOS. CARTÃO-POSTAL N. 721, SÉRIE *NOVELTA*. *PRÉSENTEZ ARME*, MANUSCRITO PELO REMETENTE EM 16 DE MAIO DE 1915.



Fonte: Acervo do autor.

A mulher porta uma vassoura e, por seu intermédio, parece ensinar ao jovem como se deve “apresentar armas”, conforme somos informados pelo texto presente na legenda. Ela usa também um quepe militar e, na cintura, traz uma faixa que remete às cores pátrias, que não deixam dúvidas quanto à alusão à bandeira francesa, que ensina a defender por intermédio do emprego de armamentos. Mulher, civil, idosa, podemos nos questionar: mesmo prestando-se ao papel de introduzir o menino na arte militar, estaria ela impedida ao acesso às armas, elemento que remeteria ao sexo viril? A imagem do cartão-postal parece sugerir que a resposta é sim. Ou seja, a ela, mesmo que impregnada pelo espírito militarista, caberia o espaço doméstico e o afastamento das práticas militares, a não ser que realizadas de forma simulada.

Ao nos depararmos com uma criança que de sua avó - é o que ela aparenta ser, com seus cabelos brancos - recebia instruções militares sobre a arte de manejar armas de fogo, é como se o postal nos colocasse diante de uma idosa contemporânea da imperdoável e inesquecível derrota sofrida na Guerra Franco-Prussiana de 1871 e de tudo que lhe sucedeu. A cena retratada no postal se passaria no exato instante em que a senhora transmitiria às novas gerações viris - personificadas pelo jovem com sua arma de brinquedo - a responsabilidade de sanar a angústia que a acompanhava, e à toda a França, ao longo das últimas décadas, em decorrência da humilhação imposta pela vitoriosa Alemanha. Observe-se novamente as possibilidades de explorar com os alunos o contexto anterior à guerra, assim como o sentimento de revanche experimentado pelos franceses, antes e durante seu desenvolvimento.

Um pequeno cartão-postal, com um cenário simples e dois atores, expunha assim aspecto dos mais relevantes da história francesa. Buscava-se, por seu intermédio, contribuir para alimentar ilusões sociais plenas de ideias, valores, crenças, belicosidade. A pequena e a grande pátria nele figuravam alegoricamente, por intermédio de um discurso não-verbal simples, construído com poucos, porém significativos elementos imagéticos e simbólicos.

Representações estas profundamente idealizadoras da figura dos combatentes e que tenderam a se acentuar com o deflagrar da guerra. Temos assim aquilo que Stéphane Audoin-Rouzeau (1993) qualifica como o modelo da “criança heroica”, estimulado na França na passagem dos séculos XIX-XX. Criança heroica que se fez presente em incontáveis postais franceses e outros documentos do período. Uma vez mais nos deparamos com idealizadas representações, desta vez construídas com imagens da infância, empregadas até mesmo no momento no qual o conflito se revelou mais sangrento que o inicialmente imaginado.

Buscando compreender como isso se tornou possível, Stevenson (2016, p. 240-241) propõe possíveis explicações na confiança então depositada em uma “causa”, ou seja, “um amálgama de crenças que incluía a certeza da vitória e a aceitação de que o propósito da guerra era legítimo, bem como a intensidade do sentimento patriótico”. Elementos estes amplamente divulgados e reafirmados nos cartões-postais, entre outras mídias do período e, pode-se propor, presentes a significativa parcela dos combatentes franceses. Ao menos nos momentos iniciais da Primeira Guerra Mundial, enquanto ainda era possível imaginá-la breve, idealizá-la de forma cavalheiresca, concebê-la como absolutamente necessária, talvez até mesmo desejável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o contexto e o tema analisados, é evidente que cartões-postais não esgotam as possibilidades. Especialmente se a amostra analisada permanecer restrita a um único país. Mas o estudo aqui proposto é apenas um modesto exemplo, uma breve e introdutória reflexão. Entende-se ainda que aquilo que aqui foi discutido pode perfeitamente bem ser ampliado com o emprego não apenas de postais produzidos em outros países, mas também de outros recursos disponíveis no período para reproduzir e mesmo dar novas formas às representações sociais veiculadas através de formas de expressão não-verbais.

É o caso, por exemplo, de cartazes de propaganda e de revistas ilustradas. Ambos com mais limitadas possibilidades de difusão entre as diferentes camadas sociais, se comparados aos cartões-postais, mas cuja análise pode ter por ponto de partida aquilo que foi proposto a respeito do trabalho com os postais, inclusive naquilo que se refere à sua disponibilidade e fácil acesso por intermédio dos recursos da internet.

Observe-se também que não é de todo redundante apontar que nem rádio, muito menos televisão estavam então disponíveis, o que vale ser lembrado aos alunos, para que melhor possam perceber as especificidades de então.

Naquele contexto da França da *Belle Époque*, bem como ao longo da Primeira Guerra Mundial, aqueles pequenos *souvenirs*, os cartões-postais, apesar de sua aparente inocência, foram destinados não apenas a falar sobre a guerra, assunto premente naqueles tempos, como também muitos deles o fizeram de maneira nitidamente favorável ou até mesmo apologética às soluções de natureza bélica e, no caso francês, nitidamente antigermânicas.

Por isso, antes e durante o conflito, postais deste tipo foram também empregados para presentear pessoas queridas, registrando o sentimento de saudades, o desejo de estar próximo, em meio a tantas outras expressões de carinho. Mensagens estas que eram acompanhadas por imagens que, paradoxalmente e, por vezes, de maneira algo sutil, traziam o ódio estampando em cenas associadas à guerra ou à sua iminência. Imagens que podiam mostrar crianças e mesmo bebês como bravos combatentes, assim como o inimigo como um ser aparvalhado e que deveria ser combatido e eliminado, entre tantas outras possibilidades. Assim, faziam propaganda e, pode-se propor, visavam até mesmo instruir e convencer em favor da guerra.

Os cartões-postais bélicos, conforme se pode observar, não primavam necessariamente pelo realismo. Ao contrário disso, exibiam imagens por vezes extremamente idealizadas. Por isso nos permitem o acesso não à uma pretensa “guerra real”, ou a uma “representação realista” ou “fidedigna”, mas sim a elementos que também contribuíram, de alguma forma, para que ela fosse desencadeada e se realizasse. Nem retratos fiéis da guerra, nem puras idealizações destituídas de sentido ou de conexão com a realidade, os exemplares produzidos na França – e em outros países - às vésperas e ao longo da guerra nos colocam em contato com imaginários e representações, plenos de anseios, esperanças, medos, certezas e incertezas experimentados por sua população há pouco mais de um século.

Por apresentarem tais características, estes cartões-postais podem e devem servir de recurso para que os alunos percebam algumas das estratégias empregadas por intermédio de um singular meio de comunicação daqueles tempos. Este, fazendo amplo uso da linguagem não-verbal, embora por vezes sem descartar a verbal, se prestou perfeitamente bem para veicular conteúdos belicistas em imagens aparente e ilusoriamente singelas e inocentes.

Assim, entende-se possível melhor problematizar e refletir a respeito da Primeira Guerra Mundial, aquela na qual o orgulhoso, destemido e viril combatente, tal como proposto nos moldes do século XIX, foi implacavelmente derrotado e progressivamente eliminado da cena. Discutir como ele se converteu em um homem obrigado a se ocultar em meio à lama das infundáveis trincheiras, amedrontado, impotente, cercado por todos os lados, o tempo todo, pelo perigo, pela morte, pela dor, pelos inimigos. E assim, sobreviver tornou-se sua preocupação mais imediata e retornar para o lar, sua ambição mais desesperada. Afinal, ao todo, após quatro anos de combates, o trágico saldo obtido foi de cerca de dez milhões de mortos: em torno de dois milhões de alemães, perto de 1,3 milhão de franceses.

Podemos então questionar: onde estaria a glória em ter que se ocultar em enlameadas trincheiras povoadas por ratazanas, piolhos e cadáveres, cuja exposição as mídias tão zelosamente evitavam? Onde se poderia encontrar o orgulhoso, ornamentado e viril guerreiro que compareceu nos primeiros combates e que ainda seguiria, por algum tempo – e apesar de sua inviabilidade -, tão presente e valorizado nos cartões-postais?

Por tudo isso não se poderia pretender que estes, os postais e as representações por eles veiculadas, permanecessem inalterados. A sociedade, as relações, a guerra e tudo mais se transformava de maneira assustadora e inesperadamente acelerada. Os pequenos e aparentemente singelos retângulos de papel, *souvenirs* de uma guerra cavalheiresca e sangrenta, não puderam permanecer totalmente alheios a tamanhas e tão aceleradas transformações. Por isso, postais como os aqui discutidos tornaram-se os derradeiros exemplares capazes de romantizar a guerra. Ao menos em moldes tão enfáticos, insistentes, idealizadores e enaltecedores.

Mais ainda: por seu intermédio, alunos podem ter uma amostra de algo relativamente distante no tempo, porém ainda assim bastante atual. Ou seja, dos embustes e ilusões, dos discursos de ódio e visões e estereótipos do Outro, cuja produção e/ou veiculação as mídias podem favorecer, seja na *Belle Époque*, ao longo da Primeira Guerra Mundial, ou mesmo na atualidade. E, ao fazê-lo, servindo-se principalmente da linguagem não-verbal, com sua agilidade e tendência simplificadora, exercer influência sobre as percepções do real de parcelas da população, de forma a estimulá-las e mesmo convencê-las em favor do engajamento e envolvimento em causas tais como a maior guerra até então ocorrida, a guerra de 1914.

Provavelmente, tal distância temporal e o conhecimento dos trágicos desdobramentos da guerra possam facilitar aos alunos o entendimento das falácias que, inevitavelmente, acompanham tais discursos e práticas, entre outras manifestações similares que tendem a ganhar espaço na sociedade, de tempos em tempos.

Tudo isso pode ser realizado mediante a reflexão desenvolvida a partir e por intermédio de imagens presentes em uma das principais mídias do início do século XX, os cartões-postais, conforme a reduzida amostra aqui discutida pode, quiçá, bem evidenciar.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria D. (Coords.). **Dicionário de ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p. 107-112.

ARTHUR, Max. (Org.). **Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial**: uma nova história contada por homens e mulheres que vivenciaram o primeiro grande conflito do século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. *La Guerre des enfants (1914-1918): essai d'histoire culturelle*. Paris: Armand Colin, 1993.

BALDISSERA, José A. Imagem e construção do conhecimento histórico. *In*: BARROSO, V. L. M. *et al.* **Ensino de História**: desafios contemporâneos. Porto Alegre: Exclamação/ANPUH, 2010, p. 247-265.

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: História e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). **História da virilidade**: o triunfo da virilidade (o século XIX). Petrópolis: Vozes, 2013a.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). **História da virilidade**: a virilidade em crise? (séculos XX e XXI). Petrópolis: Vozes, 2013b.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. 2. ed. São Paulo: Senac, 2009.

EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera**: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FERGUSON, Niall. **O horror da guerra**: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Planeta, 2014.

GIL, Carmen Zeli de Vargas; EUGENIO, Jonas Camargo. Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 13, p. 139- 159, 2018. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/430/273>, Acesso em 17 mai. 2023.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.

GUÉNO, Jean-Pierre; LAPLUME, Yves (dir.). **Paroles de poilus**: lettres et carnets du front (1914- 1918). Paris: Librio, 2004.

HASTINGS, Max. **Catástrofe 1914**: a Europa vai à guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HERNÁNDEZ, Jesús. **Tudo o que você deve saber sobre a Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Madras, 2008.

KEEGAN, John. **História ilustrada da Primeira Guerra Mundial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001.

MOULTON, J. L. Os adversários. *In: História do século XX: 1914-1919*. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

PANOFSKY, Erwin. **El significado en las artes visuales**. Madrid: Alianza, 1987.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 13, p. 14-33, 2018.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru/SP: Edusc, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2018.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. *In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 17-36.

PIUBEL, Thays Merolla. Temas sensíveis no ensino de História: produzindo conhecimento histórico escolar na relação passado/presente. **Escritas: Revista do Curso de História**, Araguaina, v. 12, n. 2, p. 71-87, 2020.

RICHARD, Bernard. **La France et la République dans les cartes postales patriotiques de la Grande Guerre**. s. d. Disponível em: <http://bernard-richard-histoire.com/2014/09/30/lyonne-dans-la-guerre-1914-1918/>. Acesso em: 13 set. 2021.

SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. *In: CIRCE BITTENCOURT (Org.). O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 117-127.

SOUZA, Eder C. Cinema e audiovisual no ensino de História: questionamentos, abordagens e possibilidades de investigação. *In: ANDRADE, J. A.; PEREIRA, N. M. (Orgs.). Ensino de História e suas práticas de pesquisa*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2021, p. 308-324.

STANCIK, Marco A. O manuscrito e o iconográfico em cartões-postais belicosos: da apologia cavalheiresca à contestação da Grande Guerra (1914-1918) na França. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 22, p. 71-104, 2014.

STANCIK, Marco A. O imaginário sobre o militar em cartões-postais franceses (1900-1918). **História**, São Paulo, v. 31, p. 101-120, 2012.

STANCIK, Marco A. **Primeira Guerra Mundial (1914-1918)**: viris cavaleiros do século XX em cartões-postais franceses. Riga/Letônia: NEA, 2019.

STANCIK, Marco A. **Souvenirs da Grande Guerra (1914-1918)**: virilidade e feminilidade em cartões-postais franceses. 1. ed. Curitiba/PR: CRV, 2017.

STEVENSON, David. **1914-1918**: a história da Primeira Guerra Mundial. Barueri/SP: Novo Século, 2016.

THIESSE, Anne-Marie. Ensinar a nação pela região: o exemplo da III República Francesa. **Educação**, Santa Maria, v. 34, n. 1, p. 13-28, jan./abr. 2009.

VINCENT, Gérard. Guerras ditas, guerras silenciadas e o enigma identitário. *In*: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. **História da vida privada**: da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 201-247.

WILLMOTT, H. P. **Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.